



Sociedade Nunca se fez tanto como agora para derrubar barreiras, diz

'E porque não empregar pessoas ciganas? Não precisam de condições materiais de existência?'

Maria José Casa-Nova A coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas nota a mudança em curso, o esforço para derrubar barreiras, mas também a persistência da segregação

Entrevista

Ana Cristina Pereira Texto
Nelson Garrido Fotografia

Estuda a população cigana há 30 anos. Foi esse o tema do seu mestrado em Educação Intercultural e do seu doutoramento em Antropologia. Em Janeiro de 2018, suspendeu o trabalho docente na Universidade do Minho para assumir as funções de coordenadora do Observatório das Comunidades Ciganas. No início, Maria José Casa-Nova ainda geriu dez mil euros por ano. No ano passado e neste, o observatório não teve verba atribuída.

Tem sentido ter um Observatório das Comunidades Ciganas sem orçamento atribuído?
Faz sempre sentido ter um observatório. Temos conseguido realizar um trabalho que considero relevante, mas observar a realidade do ponto de vista científico implica fazer investigação. Para isso, é fundamental ter orçamento atribuído.

O que tem conseguido fazer?
Enquanto coordenadora, participei no grupo de trabalho para a reformulação da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas e tenho sido ouvida no que diz respeito à elaboração de política pública. Realizámos seminários nacionais e internacionais. Criámos uma *newsletter* com reflexões cientificamente sustentadas, textos curtos, numa linguagem que pode ser percebida por todos, e um *dossier*, a que chamamos *Vozes Ciganas*. A sociedade portuguesa, como outras, tem estereótipos negativos em relação à população cigana. A *newsletter* serve para ajudar a desconstruir estes estereótipos e a potenciar *role models*.

A quem chega essa *newsletter*?
É enviada para agrupamentos de

escolas e escolas não agrupadas, associações ciganas, outras organizações não governamentais, organismos governamentais. Enviamos para mais de seis mil endereços.

Tem explicado que, embora a "cultura de superfície" (música, gastronomia, vestuário) seja um elemento identificador, a "cultura profunda" (o sistema de valores, as regras de conduta) é que está na base do racismo de que os ciganos são alvo. O que costuma dizer a quem nega a existência desse racismo?

Depende do grau de confiança que tenho. Respondo com frequência que não existe nenhuma sociedade que não seja racista. O racismo das pessoas que têm poder produz efeitos negativos nas pessoas racializadas; o racismo das pessoas que não têm poder não só não tem efeito nos outros como frequentemente faz ricochete, servindo para confirmar ideias preconcebidas, aumentando o racismo sobre as mesmas. Estou a dizer uma coisa que não é politicamente correcta: nem só as pessoas que estruturalmente têm poder nas sociedades podem ser racistas. O racismo existe em qualquer povo, produzindo hierarquias e segregações. O que varia é o tipo, o grau e o efeito.

Não está a usar racismo como sinónimo de discriminação?
Não. Costumo dizer que todo o racismo é discriminação, mas nem toda a discriminação é racismo. O racismo tem que ver com o fenótipo e a pertença étnico-cultural, a partir dos quais se fazem juízos de valor sobre racionalidade, desenvolvimento cognitivo e padrões de aceitação moral. Existe de forma estrutural nas sociedades, o que quer dizer que impregna o quotidiano. As pessoas podem não se dar conta. Interiorizaram. Agem frequentemente de forma não consciencializada. Isso acontece

com todos os seres humanos? Não. Uns fazem um processo de reflexão sobre a realidade e constroem mais humanidade.

Desconstroem o preconceito?

Exactamente. Lutam para que o racismo diminua com o fim último de este deixar de existir, o que é uma utopia (entendida enquanto lugar em construção). Isso é um processo continuado. E quando há crises, os ódios, as frustrações, as incertezas, os medos são frequentemente canalizados contra as minorias.

O que responde quando lhe dizem que os ciganos não se querem integrar?

Quando me dizem isso, costumo fazer esta observação: "Já reparou nos sapos de porcelana ou barro na entrada de restaurantes, cafés, variados estabelecimentos comerciais, casas privadas? Vê símbolos na porta das pessoas ciganas para afastar alguém? Quem está a segregar?" Isto evidencia algo. A sociedade maioritária não quer os ciganos no meio dela, nas mais diversas esferas.

Na tese que defendeu há anos falava em três "estratégias de defesa" usadas pela população cigana: a endogamia, a realização de trabalho por conta própria e o absentismo escolar. Na altura, essas estratégias já chocavam com alguns jovens. Em que ponto estamos? Estas barreiras estão a cair?

A população cigana está a derrubar essas barreiras e na população maioritária tem havido muitíssimo mais trabalho, muitíssimo mais abertura. Refiro-me a organizações não governamentais, mas também a escolas e actores individualmente considerados. Eu diria que na última década temos caminhado bastante nesse sentido. Foi na última década que emergiu a maior parte das 22 associações ciganas, que estão a fazer um trabalho muitíssimo interessante, quer



A sociedade maioritária não quer os ciganos no meio dela, nas mais diversas esferas

Nunca se fez tanto como agora. Como partimos do zero, parece que não se fez nada, mas estamos num ponto de viragem. Ao mesmo tempo, temos forças antagonistas que procuram minar parte deste trabalho

junto das pessoas ciganas, quer na articulação entre organizações ciganas e não ciganas. Há uma dinâmica muito maior, um protagonismo muito maior por parte das pessoas ciganas. Muitos dos que estão no associativismo têm escolaridade mais elevada, o que é revelador da importância da escolarização para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo na participação político-cívica. Nunca se fez tanto como agora. Como partimos do zero, parece que não se fez nada, mas estamos num ponto de viragem. Ao mesmo tempo que temos esta dinâmica, temos forças antagonistas que procuram minar uma parte deste trabalho, denegrindo a imagem das pessoas ciganas. **Está a referir-se a novos actores político-partidários?** Sim. Procuram ganhar protagonismos criando bodes expiatórios dos medos e das frustrações sociais. Dizem que são parasitas, que não querem trabalhar, que vivem do rendimento social de inserção [RSI]. Proporcionalmente, há mais pessoas ciganas a viver com o RSI,



o que significa que proporcionalmente há mais pessoas ciganas a viver abaixo do limiar da pobreza. Ninguém opta por ser pobre. A pobreza é uma condição de vida e não uma opção de vida.

Qual o maior sinal de mudança? A inclusão escolar? Os últimos dados conhecidos apontam para 25 mil alunos ciganos, um aumento significativo comparando com o que era há 20 anos. Esse é um sinal muito importante. No ano lectivo 16/17, tínhamos 256 jovens no secundário, e no ano lectivo 18/19, 651, o que representa um aumento de mais de 100%. Temos políticas educativas que, sendo muito incipientes, contribuem para este incremento. Temos o Roma Educa, uma bolsa para alunos do secundário, agora estendendo ao 3.º ciclo. Sendo uma contribuição quase simbólica, 50 euros por mês, para estas crianças e para as famílias significa muito.

Mas o absentismo/insucesso escolar continua bastante elevado.

As escolas precisam de ter novos actores educativos. As crianças e jovens ciganos chegam à escola e

não encontram o seu universo representado nela. Não temos professores ciganos, não temos técnicos operacionais ciganos, quase não temos mediadores. Há um estranhamento. Também é importante haver formação de professores para a educação intercultural e para a antidiscriminação.

E não há?

Muito pouca. Outra parte que é importante é a participação dos pais ciganos na escola, quer a nível da elaboração do plano de actividades, quer da participação nas associações de pais. Os pais ciganos estão ausentes das associações. Era importante que fizessem parte para desconstruir estereótipos de parte a parte, para haver uma familiaridade com o diferente.

Como é que essa participação pode ser promovida?

As associações têm de se abrir a estes pais. Num projecto que coordenei falámos com duas associações de pais para envolverem os pais ciganos. Houve estranhamento dos dois lados, mas conseguimos. Infelizmente, esse trabalho foi muito desfeito com a pandemia. Todas as escolas deveriam constru-

ir uma cultura de direitos humanos com um código antidiscriminação construído com todos os actores educativos e comunitários.

Tem sido dito que o problema do insucesso escolar começa na habitação: 32% da população cigana vive em barracas, tendas, carrinhas. Acredita que este problema pode mesmo ser resolvido com o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR)?

A habitação é um dos problemas sociais mais graves que temos. Estamos a falar da população cigana, mas também temos população não cigana que vive em condições degradadas e degradantes. O PRR, pelo que o Governo tem anunciado, deverá acabar com a habitação indigna. Se for cumprido, em 2024 teremos todas as pessoas ciganas e não ciganas a viver em casas condignas. Mas ter casa com todas as condições de habitabilidade é apenas uma das dimensões do problema. Muitas vezes constrói-se o edificado e esquece-se a envolvente. Habita-se também os lugares e, para isso, é necessário cuidar das relações de sociabilidade interculturais, dos espaços públicos, do acesso a serviços. Tem que ver com o fazer cidade, aldeia ou vila. E com o direito das pessoas à opção pelo lugar em vez da "atribuição do lugar". Tem também que ver com a construção participada dos lugares. Se construo bairros só para pessoas ciganas, não estou a construir habitação condigna. Estou a construir guetos e a contribuir para o que Bauman chama de mixofobia: o medo da convivência com a multiplicidade de diferenças étnico-culturais. E, como resultante, para a construção de ilhas de homogeneidade fenotípica e cultural. Importa combater os medos e potenciar a mixofilia.

Como interpreta o facto de as associações ciganas se terem mobilizado para o Programa Bairros Saudáveis?

Fiz parte do júri do programa. Foi muito gratificante ver as associações ciganas a mobilizar-se, a terem este sentido e intervenção político-cívica. De 12 que concorreram, tivemos oito projectos financiados.

Depois de algum pé-de-vento levantado por alguns activistas? O que aconteceu depois desse pé-de-vento foi mais um projecto apoiado. Tínhamos sete e passámos a oito. Estamos a falar de projectos pelos quais as associações ciganas são responsáveis. Como parceiras participam em muitos mais projectos. Isto faz parte da consciencialização da importância do seu envolvimento, mas também do desenvolvimento das suas capacidades, das suas competências. As associações são

um novo actor político colectivo fundamental.

E a inclusão laboral? Houve um alarido em torno da ideia de colocar mediadores ciganos a trabalhar a inserção laboral. E depois silêncio. O que se passa?

Ao nível do Programa Operacional Inclusão Social e Emprego temos projectos, mas são projectos. Na minha perspectiva, os projectos devem existir para construir uma base sustentada para a intervenção social continuada.

E tornar-se política pública?

Exactamente. No ano passado, numa formação que dei, tive um empresário a dizer: não me importo de empregar pessoas ciganas, mas o que é que eu vou dizer quando os outros funcionários me perguntarem porquê um cigano. Eu disse-lhe: "Responda: 'E porque não?'" As pessoas ciganas não precisam de ter condições materiais de existência? Não precisam de trabalhar como qualquer outra pessoa para ter uma vida condigna? É começar por aí. No observatório, criámos o Prémio Empresas Integradoras.

Não há é muitas empresas às quais possa atribuí-lo...

Pois não. Temos muitas empresas que empregam uma ou duas pessoas ciganas. Criámos o prémio para quem empregasse cinco ou mais. Tem sido sempre atribuído, mas este ano, talvez fruto da pandemia, nenhuma empresa concorreu.

Onde estão os tais mediadores para o emprego?

Não estão. A mediação para o emprego implica um trabalho



As escolas precisam de ter novos actores educativos. As crianças e jovens ciganos chegam à escola e não encontram o seu universo representado nela. Há um estranhamento

As pessoas ciganas têm de estar forçosamente nos lugares e nas decisões que lhes dizem respeito

entre empresas, organizações não governamentais, nomeadamente organizações ciganas e organismos governamentais. As organizações ciganas ainda não têm força para isto. Algumas começam a construir-se nesse sentido. A mediação para o emprego é um processo que está no grau zero. O que está a acontecer neste momento é a construção disto: as pessoas ciganas têm de estar forçosamente nos lugares e nas decisões que lhes dizem respeito.

E não deviam estar na equipa do observatório?

O primeiro coordenador do observatório era cigano. E eu quero ter uma pessoa cigana na equipa, mas o trabalho do observatório exige pessoas que saibam fazer investigação. Tenho uma pessoa que é doutorada e outra que está a fazer doutoramento. Propus (estou à espera) ter um bolseiro ou bolseira de investigação de etnia cigana. Não temos conhecimento em Portugal, a não ser o primeiro coordenador do observatório, de uma pessoa cigana que seja doutorada. Temos agora os primeiros mestrandos. Espero que façam bons trabalhos, que possam ser publicados pelo observatório. Queremos ter uma bolsa de iniciação à investigação para que um/a possa aqui construir um percurso académico. Também estamos a constituir um conselho consultivo com pessoas ciganas.

E agora? Quais devem ser as prioridades em termos de políticas públicas?

Temos uma estratégia que foi reformulada e que está em vigor até 2022. O que se quer fazer agora é uma avaliação para ver como pode ser estruturada a nova estratégia, que vigorará até 2030, no sentido de que esta integração recíproca e horizontal se efective.

Habitação, educação, emprego...

E saúde. As pessoas ciganas têm, comparativamente com outros países, uma opinião positiva do sistema de saúde, mas o que vemos em Portugal e noutros países é que a população cigana em média vive menos dez anos.

Por causa das condições de habitação?

Essa é uma das dimensões. Chuva, vento, sol, tudo entra na habitação daquelas 32% de pessoas ciganas que vivem em condições indignas. Depois vêm os problemas respiratórios, os problemas ósseos. O facto de muitos viverem abaixo do limiar da pobreza é outra hipótese explicativa.

E o futuro do observatório?

Continuar o trabalho que está a ser feito e realizar uma nova recolha de dados a nível nacional sobre a população cigana. E esperamos ter orçamento para poder realizar investigação pertinente.



Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Domingo, 29 de Agosto de 2021 • Ano XXXII • n.º 11.447 • Edição Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 1,80€



150 anos
"Um riso que
peleja." *As Farpas*
de Eça e Ramalho

P2



Entrevista
"E porque não
empregar
pessoas ciganas?"

Sociedade, 14/15

RUI GAUDÊNCIO



Congresso do PS
Marta Temido
foi protagonista
improvável, numa
reunião morna

Política, 10 a 12 e Editorial, 6

Comboios da CP arriscam parar por greve dos trabalhadores da limpeza

As empresas que têm a concessão das limpezas da maioria dos comboios da CP e das estações têm os

seus bens arrestados à ordem do tribunal devido a dívidas ao Estado no valor de 25 milhões de euros. Por

esse motivo, os seus trabalhadores estão sem receber salários e vão entrar em greve durante seis dias

entre 1 e 6 de Setembro. A CP arrisca-se a ter de parar a sua operação por falta de limpeza e desinfeção dos

seus comboios, e tentou, sem sucesso, autorização para pagar os salários aos trabalhadores *Economia*, 22

Justiça
Serão precisas
quotas para
os homens
nos tribunais?

Sociedade, 16

Arqueologia
Conímbriga tem
um anfiteatro
à espera de ser
descoberto

Cultura, 24/25

Crise
Proveitos do sector
leiteiro não beneficiam
os produtores

Recebem em média o pior preço do leite na Europa *Destaque*, 2 a 4



Afganistão
Portuguesas
não desistem
de resgatar
258 afegãos

Mundo, 18/19